VILAS ROMANAS DO TERRITÓRIO INTERANNIENSE

Manuel Maia

Sendo certo que, do ponto de vista histórico, a vida do povo é o factor mais importante, para estudarmos uma cidade romana, mesmo de província, não nos devemos limitar a escavar e a datar os grandes monumentos públicos, templos, *forum* ou termas, pois pouco ou nada ficaremos a saber sobre a verdadeira história do povo que a habitava. A população não vivia nesses monumentos públicos e logo não é nesses locais que devemos procurar a sua vida.

Do mesmo modo não é possível fazer um estudo sério sobre a economia do período romano escavando e estudando somente os centros urbanos. É necessário que tenhamos pelo menos notícias dos locais de fixação das populações, ainda que os mais pobres, e que procuremos determinar qual o seu tipo de economia.

A região norte do Riba Côa era até há bem pouco tempo completamente desconhecida do ponto de vista arqueológico. Tinham sido publicados alguns pequenos artigos sobre um ou dois monumentos, feitos de um modo geral sem conhecimento directo dos mesmos, algumas notícias na imprensa local mas não existia trabalho sistemático e de conjunto.

Entre 1966 e 1970 procedi nesta região a uma prospecção intensa de que resultou a localização das vilas romanas que vou apresentar. (Mapa.)

Do ponto de vista geográfico, a região em causa constitui uma mesopotâmia limitada a leste pelo rio Águeda, a oeste pelo Côa e a norte pelo Douro, de que aqueles são afluentes.

Do ponto de vista agrícola podemos considerar a existência de duas áreas distintas.

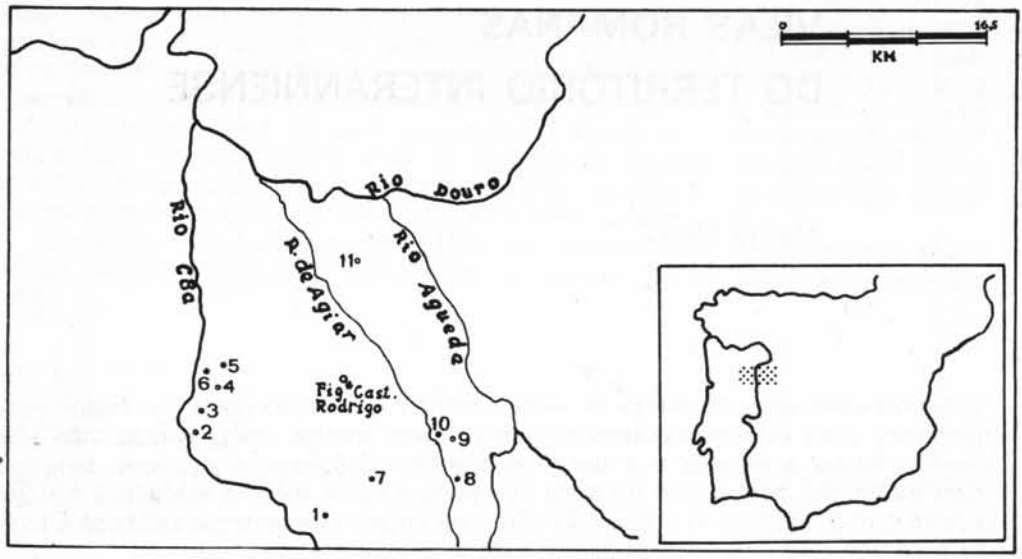
As «ladeiras», que marginam os rios, zonas de economia pobre, onde a pastorícia é praticamente a única actividade económica, onde aqui e ali se semeava o centeio e, mais modernamente, se plantaram alguns olivais, é uma área tradicional de pequena propriedade.

Esta região foi uma das que conheceu, de 1939 a 1954, uma intensa exploração de cassiterites, às quais estava associada a recolha casual de ouro de aluvião.

A zona do «Planalto», mais rica do ponto de vista agrícola, produz cereais e vinho com relativa abundância. As propriedades, quintas, atingem aqui áreas que oscilam entre os 80 e os 2000 hectares, ainda que os minifúndios também estejam presentes.

Estas duas zonas geomorfológicas condicionam fortemente a fixação da civilização romana, pelo que são completamente distintos os vestígios que localizei numa e noutra.

As vilas das «ladeiras» são pobres, pouco extensas e apenas parecem ter estado relacionadas com a pastorícia ou a pequena exploração mineira. Pelo contrário, as casas agrícolas do período romano cujos vestígios assinalei no «Planalto» correspondiam a grandes latifúndios estabelecidos na zona de solos agricolamente mais ricos.



Mapa da distribuição das Vilas Romanas

VILAS DA ZONA DAS «LADEIRAS»

Vila de S. Marcos da Palumbeira (1)

Fica situada a sudoeste da povoação de Cinco Vilas e no caminho que desta localidade se dirige para a Palumbeira.

Foi por mero acaso que localizei esta vila, quando me dirigia à Palumbeira, atraído pelo topónimo. No caminho, próximo da Capela de S. Marcos, descobri alguns fragmentos de «tegula».

Fiz uma imediata prospecção da área e localizei o núcleo principal de vestígios de época romana do lado esquerdo do caminho, sobre uma colina de cota pouco elevada e a norte da Capela de S. Marcos.

Nesta prospecção de superfície apenas recolhi fragmentos de «tegulae» e de «imbrices».

O terreno granítico e muito pobre do ponto de vista agrícola apenas produz centeio.

A zona é, porém, bastante rica em minérios de estanho e não me repugna que fosse a mineração uma das actividades a que se dedicassem os habitantes desta vila. O topónimo Palumbeira parece vir reforçar esta hipótese.

Casa do Florindo (2)

Localizam-se os vestígios desta vila junto da Faia do Guerra, na freguesia de Quintã de Pero Martins e a sul dessa povoação. Fica na margem direita do Côa, sobre uma arriba que cai quase na vertidal sobre o rio.

Como na vila de S. Marcos da Palumbeira, só recolhi fragmentos de «tegulae».

O terreno, extremamente declivoso, não permite qualquer tipo de agricultura. Apenas a pastorícia poderia ser a actividade económica dos habitantes desta vila, a menos que se dedicassem à lavagem das areias do rio Côa, recolhendo o estanho e o ouro que surgem com abundância nesta região.

Quinta da Póvoa (3)

Também esta vila se localiza a sul da povoação de Quintã de Pero Martins e a cerca de 2 km para norte da Casa do Florindo. Quanto a mim é outra das vilas em que a agricultura dificilmente se poderia praticar.

Os únicos materiais arqueológicos aqui recolhidos foram fragmentos de «tegulae».

Telhões (4)

A estação fica situada a 6 km para oeste da povoação de Quintã de Pero Martins a meia encosta de uma colina, no sopé da qual, na face oposta, corre o rio Côa.

O acesso a esta estação, como aliás o de todas as que se situam na freguesia de Quintã de Pero Martins, é extremamente penoso.

Foram recolhidos fragmentos de «tegulae» e de vasos de cerâmica comum.

Uma das explorações de cassiterites frequentes nesta região de 1939 a 1945, destinada a recolher minérios de aluvião, estava situada justamente na base da colina em que se encontraram os vestígios da «vila».

Em local muito próximo, não mais de 500 m desta estação, existiram umas minas que, presentemente, são apenas dois buracos cavados na rocha granítica, tendo a entrada completamente obstruída por mato e pedras.

Desobstruída a entrada, observa-se uma espécie de câmara de onde sai parte de uma galeria que se inclina a partir da entrada. A existência de cassiterites entre o entulho classifica imediatamente a mina como sendo de estanho.

Olival de S. Paulo (5)

Segundo informações que recolhi, existiria num local de colinas altas e vales apertados, a cerca de 8 km para noroeste da povoação de Quintã de Pero Martins, grande número de «telhas de rebordo».

O mato e o grande número de «barrocos» não permitiram uma prospecção cuidadosa do local.

Farelos (6)

Obtive igualmente informações segundo as quais num ponto situado a cerca de 7 km para norte de Quintã de Pero Martins e a 3 km para leste do Olival de S. Paulo, existe grande número de fragmentos cerâmicos que não tive possibilidades de localizar.

VILAS DO «PLANALTO»

Passarei agora a mencionar as vilas do «Planalto» que se aproximam mais do tipo de vilas que estamos habituados a localizar e a estudar no Sul do País.

Pedregais (7)

Situa-se a cerca de 3 km para sudoeste da povoação de Vilar Torpim e a igual distância para nordeste da povoação de Reigada.

Apesar de estar situada no planalto encontra-se inserida hoje numa zona de minifúndio, o que dificulta enormemente qualquer trabalho de escavação que aqui se pretenda realizar.

Tive notícia da existência desta vila por intermédio de trabalhadores que há já alguns anos aí tinham procedido à plantação de uma vinha que, se por um lado destruiu uma parte da construção, por outro pôs a descoberto grande número de materiais que permitem pelo menos uma tentativa de cronologia.

A área em que se localiza esta «villa» é uma das mais ricas de todo o concelho do ponto de vista agrícola. Aqui cresce o trigo, a vinha e existem bons pastos que alimentam grandes rebanhos de gado ovino.

Os materiais arqueológicos estendem-se por uma área superior a 8 hectares.

Não se dá aqui o caso de ser material arrastado pela erosão e pelos arados desde o cume ou desde a encosta de uma colina para o vale. Este local é constituído por três colinas que formam um anfiteatro, aberto para sul. Somente existem vestígios na base da colina situada a leste, ou seja, no vale formado por esta elevação e pela que lhe é fronteira.

Na que se situa a norte, ainda que dispersos, existem fragmentos de cerâmica quase até ao topo. Nesta colina encontrei um *Pondus* de Barro.

A colina oeste, como o vale, é a área onde os vestígios são mais abundantes e variados. Na vertente oeste desta elevação encontrei ainda alguns fragmentos dispersos de *tegulae* e *imbrices* mas é do lado oposto que se situa a zona central desta enorme vila rústica.

Dada a grande área pela qual se encontram dispersos os materiais, ouso afirmar que esta será uma das maiores vilas romanas até hoje localizadas ao nosso país.

Aquando da plantação da vinha, a que me referi anteriormente, foram recolhidas algumas peças, hoje conservadas no Museu de Pinhel. Entre elas encontram-se alguns fragmentos de Terra Sigillata Hispânica, de que darei um breve apontamento das que foi possível classificar: fragmento de uma taça 24/25 possivelmente da segunda metade do século II; peça da forma Drag. 18/31 de fabricação tardia.

Além das cerâmicas atrás descritas estão também conservadas neste Museu duas bases e um fuste de coluna, bem como fragmentos de *dolia* e *tegulae*.

Também nas prospecções aí realizadas tive oportunidade de recolher peças líticas, como uma base de coluna e algumas mós manuais, e cerâmicas: urnas, *dolia* e Terra Sigillata.

Desta última foram recolhidos dois fragmentos de uma peça Lamb A 6, possivelmente do século II, um fragmento de vaso hemisférico Drag 37, que se pode datar dos finais do século III inícios do IV; uma peça de Terra Sigillata Clara C, forma 35 com uma cronologia da segunda metade do século III; duas peças de Terra Sigillata Clara D, ambas com uma cronologia dos finais do século IV, sendo possível identificar uma delas como pertencendo a um prato de forma 51 A.

Vale de Olmos (8)

Situada na freguesia de Vermiosa, de cuja povoação dista cerca de 1 km para Leste, encontra-se uma outra grande vila romana, a segunda em tamanho desta área.

Localizada numa zona de grandes vinhedos encontra-se, por isso, muito destruída e com grande número de materiais à superfície.

Aquando da plantação das vinhas apareceram algumas moedas de bronze, de entre as quais examinei uma de Vespasiano.

Foram igualmente recolhidas bases de coluna de granito e de calcário branco, que não existe na região.

A importação de pedra de zonas distantes sugere poder económico pouco habitual na região.

Cabeço da Prata (9)

Fui aqui atraído pelo topónimo que sugere a possibilidade de existência de vestígios arqueológicos.

Localizei nesta zona mais uma vila romana situada na freguesia de Almofala, de cuja povoação dista cerca de 4 km para sudoeste.

Implantada a cerca de 500 m da margem direita da ribeira de Aguiar situa-se numa das regiões onde tradicionalmente se cultiva o trigo, longe de qualquer filão de minério pelo que, como no caso das duas anteriores, julgo tratar-se de uma exploração agrícola.

Recolhi alguns fragmentos de «tegulae» e «imbrices» de que existia grande número à superfície, alguns fragmentos de mós manuais mas não qualquer fragmento de vaso cerâmico.

Cabeço da Recta (10)

A cerca de 4 km para oeste da povoação de Almofala, a 2 km para norte da Vila do Cabeço da Prata e a 2 km para sul do Templo de Almofala [1] tive oportunidade de localizar os vestígios de mais uma vila romana.

Não recolhi senão alguns fragmentos de «tegulae» mas, pela localização, julgo tratar-se de mais uma vila romana cuja actividade económica seria a exploração agrícola.

Vale Tedão (11)

Localizada a cerca de 10 km para noroeste de Escalhão e a 6 km para sudoeste de Barca de Alva, situa-se já no vale do Douro.

Além de «tegulae», apenas aqui recolhi alguns fragmentos de «opus signinum» grosseiro.

Não me foi possível formular qualquer hipótese sobre o tipo de actividade económica a que se dedicariam os habitantes desta vila, visto ser terreno pobre e não se conhecerem filões de minério na região.

The studies about the Roman occupation of the North-East Portugal are rare. This work enumerates the Roman villae *situated in that part of the conhtry, specially in the land of the* Interannienses *and tries to determinate their main economic activity through their geographic position.*

---

[1] Manuel Maia, «Arqueologia Romana da Riba Coa — O Templo Romano de Almofala», in *Actas do II Congresso Nacional de Arqueologia*, Coimbra, 1972.